

## LEXICOGRAFIA E VERBO SUPORTE

### 0. Introdução

A descrição lexicográfica do verbo implica fundamentalmente os seguintes aspectos:

- (i) distinção e estabelecimento de acepções dos verbos polissémicos;<sup>1</sup>
- (ii) definição;
- (iii) construção de frases elementares reveladoras da descrição estrutural do verbo.<sup>2</sup>

Deixo de lado itens importantes como: co-ocorrentes privilegiados, estruturas fixas<sup>3</sup>, níveis de língua, particularidades morfológicas e sintácticas, inserção de abonações que de algum modo ilustrem o uso da unidade verbal em causa. A sua inclusão ou exclusão e o tipo de descrição a adoptar não são independentes da própria concepção do dicionário que se pretende elaborar, o qual tem a ver afinal com a definição do tipo de público a que se destina.

Neste trabalho apenas pretendo abordar os aspectos acima enumerados, ou seja, o estabelecimento das acepções, a definição e a frase elementar. Estas observações têm em vista a

---

<sup>1</sup> De acordo com D. Willems (1981) a homonímia (mas não a polissemia) assenta essencialmente no facto de as distinções semânticas não serem fruto da selecção lexical exercida pelo verbo. A ambiguidade da unidade verbal situa-se na unidade lexical de base; é o caso de *V = aterrar*: pousar em *terra* e causar *terror*. A homonímia acontece também em casos em que a unidade verbal apresenta, por exemplo, duas distribuições autónomas, sendo o significado específico para cada uma delas: *V = abalar1*: a deflagração da bomba abalou (os vidros + os vizinhos). *V = abalar2*: ele abalou (às 9 horas + para o Brasil + com o pai...).

<sup>2</sup> A frase elementar deve ser aqui entendida como a concatenação de um verbo com os seus complementos essenciais. Trata-se, de facto, de uma simplificação da noção de frase.

<sup>3</sup> Refiro-me a estruturas fráscas fixas, ou seja, estruturas em que as unidades lexicais componentes não são permutáveis nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos nem sujeitas a quantificação e determinação livres. A opacidade destas estruturas, também chamada não composicionalidade, apela para o facto de o sentido da frase não ser dedutível do sentido das unidades lexicais componentes. A transparência apela para a noção inversa: conhecido o significado dos componentes, conhecido fica o significado da estrutura.

apresentação de uma proposta de descrição lexicográfica em que a noção de verbo suporte tem função primordial.

Quanto ao próprio conceito de verbo suporte apenas menciono a característica (aparentemente vaga mas na realidade intrínseca da definição de verbo suporte) de serem verbos com semantismo ténue ou nulo e ocorrerem, muitas vezes, junto de um substantivo relacionado morfológica e semanticamente com um verbo pleno que alguns autores designam, justamente, por verbo derivado: tornar rico -- enriquecer; dar uma explicação -- explicar. Para a caracterização técnica e pormenorizada remeto para a bibliografia especializada<sup>4</sup>.

1. O estabelecimento das acepções de um dado verbo (depois de haver sido determinado que se trata efectivamente de um verbo polissémico) passa por uma análise semântica e sintáctica das frases construídas pelo verbo. Seja o caso de V = abalar.

(1) A deflagração da bomba abalou os vidros todos.

(2) A deflagração da bomba abalou os vizinhos todos.

Verifica-se, nestas frases, a existência de uma idêntica descrição estrutural, idêntico comportamento sintáctico relativamente à aplicação de operações como a passiva, a extracção em *é ... que*, pronominalização, etc.; isto é, de um ponto de vista sintáctico seria coerente estabelecer apenas uma acepção que englobaria (1) e (2), tanto mais que a distribuição lexical distintiva aparece somente no argumento em posição objecto através do binómio não humano/humano (os vidros/os vizinhos). Por outro lado, e do ponto de vista da sinonímia há uma diferença bem marcada: em (1) teríamos *fazer tremer*, e em (2) *impressionar* (repare-se ainda que *causar abalo* - verbo suporte e nome predicativo - só se aplica a (2)). Seria possível estabelecer, com base neste aspecto, duas acepções. Qualquer destas opções é justificável.

Caso diferente é o de,

(3) O assaltante agrediu-nos com um bastão de ferro.

(4) O director agrediu-nos com comentários ácidos.

---

<sup>4</sup> Cfr. bibliografia : M. Gross (1981); D. Willemans (1981); E. Ranchhod (1988); E. Macedo (1988).

porque o comportamento sintáctico dos complementos do verbo é distinto:

(3a) \*O bastão de ferro do assaltante agrediu-nos.

(3b) Fomos agredidos pelo assaltante com um bastão de ferro.

(4a) Os comentários ácidos do director agrediram-nos.

(4b) ?\*Fomos agredidos pelo director com comentários ácidos.

Por outro lado *agredir* de (3) pode ser parafraseado por *atacar*, enquanto que *agredir* de (4) corresponde, grosso modo, a *insultar*<sup>5</sup>. Estaria assim claramente justificado o estabelecimento de duas acepções no artigo do verbo *agredir*, independentemente de outras que devessem ser descritas.

Como acima referi, a análise sintáctica é indispensável na descrição lexicográfica das unidades lexicais. A forma de um dicionário, listas de palavras ordenadas alfabeticamente, para levar à noção errónea de que o léxico é um conjunto formado por entidades semanticamente completas e, por isso, independentes relativamente à co-ocorrência de outras unidades lexicais. Trabalhos recentes têm demonstrado e posto em evidência a interconexão entre léxico, sintaxe e semântica. Deste ponto de vista o lexicógrafo deverá ser um linguista com sólida formação naquelas áreas. Ainda no que toca ao capítulo da polissemia verbal e seu reflexo no dicionário, há ainda a ordenação das acepções, matéria que não me proponho desenvolver no âmbito deste trabalho. Contudo, sabe-se que alguns critérios têm sido defendidos: critério lógico que parte do conceito mais particular para o mais geral, critério que tem em conta a etimologia, critério que procura um percurso do concreto para o metafórico, etc. Ou seja, a dificuldade não reside na escolha do critério, mas sim na sua aplicação sistemática e na obtenção da desejada homogeneidade do produto final.

No que diz respeito à definição lexicográfica, e segundo Alain Rey (1977), afirma-se o seguinte: a definição consiste em fazer corresponder a uma unidade lexical desconhecida, uma pluralidade de outras unidades lexicais capazes de criar no leitor uma elaboração conceptual adequada. É tradicional a posição que procura essa correspondência através de definidores

---

<sup>5</sup> Não aprofundo aqui as relações correferências existentes entre os complementos com *N* e os argumentos em posição sujeito das frases (3) e (4); este tipo de relações, que bloqueiam certas operações sintácticas, constituem uma das dificuldades com que se debatem os que se dedicam ao estabelecimento de regras com vista ao tratamento computacional e à geração automática de texto.

conceptualmente mais simples e mais usuais : se se pretende definir "abraçar", será mais esclarecedor dizer "prender com os braços" do que indicar apenas "cingir, envolver".

A definição lexicográfica, no seu sentido mais lato, é a descrição informal do significado de uma unidade lexical; no entanto "informal" não quer dizer ausência de uma regularidade estável na construção do enunciado definidor. Alguns autores, como Martin (1983) ou Rey-Debove (1989), falam na definição hiperonímica em que o significado da palavra a definir deve ser circunscrito recorrendo-se a uma relação de inclusão ou de subordinação semântica: assim para definir *agnosticismo*, *pesca*, *oratória* teríamos enunciados que fariam apelo a, respectivamente: *doutrina que...*; *indústria que...*; *arte que...*; de um modo geral os hiperónimos introduzem o enunciado definidor e devem ocorrer naturalmente em estruturas anafóricas do tipo: *sendo a pesca uma indústria lucrativa, circunstâncias adversas têm vindo prejudicar essa indústria*. Lyons (1970) abordando este tema oferece-nos uma definição de hiperonímia que é esclarecedora e elegante: a hiperonímia é uma implicação unilateral, ou seja, *se A é hiperónimo de B*, então é verdade que *um A é um B*, não sendo verdadeira a proposição contrária. Certos verbos podem ser facilmente definidos através de nominalizações com verbo suporte: *armadilhar*: colocar uma armadilha; *armar*: prover de arma; *armazenar*: pôr em armazém; *asilar*: dar asilo; *arroxear*: tornar roxo; *arruinar*: causar ruína; *discursar*: fazer um discurso; etc. De notar, é também o facto de as nominalizações contribuírem de forma decisiva para a definição de, por exemplo, os empregos concreto e metafórico (ou figurado) de um dado verbo:

(5) Os ladrões assaltaram a casa do Pedro.

(5a) Os ladrões fizeram um assalto à casa do Pedro.

(6) As dúvidas assaltaram o espírito do Pedro.

(6a) \*As dúvidas fizeram um assalto ao espírito do Pedro.

Verificamos que o recurso a esta estratégia abre caminho não só à simplificação da definição mas também à sua clareza: teríamos para *assaltar* de (5): *atacar de repente*; (6): *vir à ideia*, *encher a mente*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O registo sistemático da nominalização com verbo suporte, aquando da definição da entrada verbal, pode fornecer em simultâneo, dadas as facilidades provenientes da informatização dos dados, uma listagem de nomes predicativos prontos a serem descritos de forma adequada.

De forma geral, pode afirmar-se que a frase elementar que caracteriza a descrição estrutural de uma dada entrada verbal tem em vista a indicação expressa do número de complementos chamados nucleares ou essenciais seleccionados pelo verbo e, simultaneamente, tem a frase elementar a preocupação de fornecer traços semânticos que identifiquem paradigmaticamente esses complementos.

Dito isto, parece não ser necessário evidenciar que a frase elementar fornece indicação clara do uso de, ou das, preposições regentes <sup>7</sup>.

Quanto ao que chamei identificação paradigmática dos complementos, convém notar o seguinte: deve evitar-se a pronominalização desses complementos, dado que os traços semânticos definidores do tipo de pronome complemento são muito gerais. Compare-se, para esclarecimento desta afirmação, as frases (1) e (2) que repito aqui por uma questão de comodidade,

(1) A deflagração da bomba abalou os vidros todos.

(2) A deflagração da bomba abalou os vizinhos todos.

com a operação pronominalização aplicada a todos os argumentos, obter-se-ia:

(1a) (Ela + isso) abalou-os todos.

(2a) (Ela + isso) abalou-os todos.

Como se pode observar estas frases (1a e 2a) não nos esclarecem acerca da natureza semântica dos argumentos verbais.

2. As construções com verbo suporte ( $N_0$  V<sub>sup</sub> N<sub>pred</sub> x), que, como já salientei, ajudam ao estabelecimento das acepções verbais e permitem precisar a definição, oferecem pelo menos duas vantagens ao trabalho do lexicógrafo:

- Distinguir o uso e as propriedades de verbos muitíssimo frequentes (por exercerem restrições de selecção muito ténues); delimitar a forte polissemia que apresentam, se os

---

<sup>7</sup> Em certos casos, não muito frequentes, podem ocorrer duas preposições introdutoras de um mesmo complemento, mantendo-se uma só interpretação: é o caso de *aceder em vir* e *aceder a vir*.

considerarmos verbos plenos; homogeneizar a descrição, evitando enumerações tão longas quanto heterogêneas. (A título de exemplo consulte-se o Dicionário de Moraes, 10ª. edição: os verbos *dar* e *fazer* são descritos em 16 e 17 páginas respectivamente.)

Aproveito a oportunidade para salientar uma observação, que reputo extraordinária, inserta no mesmo dicionário (página 91, V volume) no artigo dedicado ao verbo *fazer*; o autor observa que *fazer* toma o valor dos verbos cognatos dos seguintes substantivos: *pedido*: fazer um pedido; *progresso*: fazer progressos; *pena*: fazer pena; *menção*: fazer menção. Dir-se-ia que António de Moraes Silva terá elaborado a primeira definição de verbo suporte.

- Tornar a descrição do nome predicativo mais rica em informação não só pela presença do verbo suporte e suas variantes que, muitas vezes, traduzem um nível de língua mais formal ou mais literário (como em *dar autorização*: *conceder*, *outorgar*... *autorização*), mas também pela explicitação de restrições sobre o emprego do determinante (cfr. \* *ter a confiança no filho* / *ter confiança no filho* / \* *ter uma confiança no filho* / *ter uma grande confiança no filho*).

O *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa (1976) fornece exemplos vários de tratamento incompleto, quer de nomes predicativos, quer dos verbos derivados. Seja o caso de *aval* e de *avalizar*:

*aval*, s.m. Do fr. *aval*, de origem discutida . *Jur.* Garantia dada por terceiro do pagamento de uma letra, por meio de assinatura no verso desta ou por documento separado. Obrigação, por esse terceiro contraída, de pagar a letra. *Pl.*: *avales*.

*avalizar*, v. tr. De *aval* e suf. *-izar* . Dar *aval* a: "o sacador e qualquer endossante podem *avalizar* o aceitante" (C. GONÇALVES, *Comentário*, II, p. 209).

Como se pode verificar a definição de *avaliar* é feita com a construção *dar aval a* e a descrição do substantivo é omissa relativamente à construção de uma frase elementar tendo por predicado o nome predicativo; uma frase como *N deu o seu aval ao projecto de N* e *N teve o aval de N*, (sendo esta última a construção *conversa de dar aval*) forneceria ao leitor uma informação clara e correcta do emprego deste substantivo. Outro exemplo idêntico seria a descrição do nome *arranjo* no mesmo dicionário: nas doze acepções descritas nem uma única vez ocorre *fazer um arranjo em N*,

*dar um arranjo a N*, que se poderia concretizar em frases de emprego comum como: *fez um arranjo no vestido da filha, deu um rápido arranjo à saia*.

A proposta de tratamento lexicográfico de unidades lexicais deste tipo baseado na análise dos conceitos de verbo suporte e nome predicativo e no seu uso natural na actualização do sistema linguístico poderia concretizar-se em uma das duas possibilidades que passo a indicar:

1. Inclusão do verbo suporte na descrição do nome predicativo.

Nos dicionários usuais nomes predicativos como *reflexão, juramento, pedido, progresso, pena, menção...* têm entrada própria; vimos já o caso de *arranjo* e *aval*. Por conseguinte, nada de novo é aqui proposto no que diz respeito à macroestrutura do dicionário. O tratamento dado a este tipo de entradas teria de ser criteriosamente delineado de modo a:

- pôr em evidência a ocorrência natural do verbo suporte. Por exemplo: *fazer um pedido*;
- pôr em evidência restrições que podem afectar a ocorrência dos determinantes, o que pode acarretar alterações do significado. Por exemplo: *fazer uma compra e fazer compras*;
- pôr em evidência a ocorrência de preposições específicas, dado que: pode a preposição da construção nominal coincidir com a preposição da construção verbal (*fazer progressos na sua carreira e progredir na sua carreira*); ou pode apresentar a construção nominal a preposição seleccionada pelo próprio verbo suporte (*dar a benção aos fiéis e abençoar os fiéis*).

Ao adoptar-se este tipo de tratamento lexicográfico, verificar-se-ia, evidentemente, grande aligeiramento na descrição dos verbos que podem ocorrer como suporte de construções nominais.

2. Verbo suporte com tratamento idêntico ao tratamento dados os casos de homonímia verbal.

Verbos como *fazer, dar, tomar, causar...* teriam duas entradas tal como acontece com verbos homónimos com construções autónomas: V = verbo pleno e V = verbo suporte. Esta modalidade seria conjugada com a modalidade de tratamento dos nomes predicativos. No caso do nome predicativo *aval*, já referido, dado que apareceria na entrada de *dar* verbo suporte, poderia, na

sua entrada natural da ordem alfabética, ter agora uma descrição idêntica à que nos é apresentada pelo *Dicionário da Língua Portuguesa*(*idem*).

3. Tradicionalmente os dicionários têm-se dedicado sobretudo à análise semântica das unidades lexicais. Recentemente a linguística teórica começou a interessar-se pela lexicografia, propondo inclusivamente modelos de descrição das unidades lexicais enquanto unidades de tratamento lexicográfico. A proposta que acabo de esboçar é também fruto de um modelo linguístico que teve e tem o mérito de demonstrar que o estudo de unidades lexicais só é possível através da sua natural integração em enunciados onde, como é sabido, relações específicas comandam a linearidade gráfica dos itens lexicais. No entanto, importa sublinhar que as reflexões aqui feitas têm por objectivo sugerir uma metodologia tendente a introduzir uma descrição mais sistemática e mais ordenada de certa classe de entradas verbais num dicionário de língua.



## Bibliografia

- Dicionário da Língua Portuguesa*. 1976. Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa Nacional. Lisboa.
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 1950. António de Moraes e Silva, 10ª. ed. Ed. Confluência. Lisboa.
- Gross, M. 1981. "Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique", *Langages*, 63. Larousse. Paris.
- Kleiber & Tamba. 1990. "L'hyponymie revisitée: inclusion et hiérarchie", *Langages*, 98. Larousse. Paris.
- Lyons. 1970. *Linguistique générale. Introduction à la linguistique théorique*. Trad. francesa. Larousse. Paris.
- Macedo, E. 1988. *Construções Transitivas Locativas*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar da Carreira de Investigação do INIC. CLUL-INIC. Lisboa.
- Martin. 1983. *Pour une logique du sens*. PUF. Paris.
- Rey, Alain. 1977. *Le lexique : images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie*. A. Colin. Paris.
- Rey-Debove. 1989. "Prototypes et définitions", cit. por M. Temple in *Lexique*, 10. PUL. 1991.
- Williams, D. 1981. *Syntaxe, Lexique et Sémantique. Les Constructions Verbales*. Gent.